

A história nas estrelas

Na conclusão de muitos clássicos da literatura de mistério, o detective reúne todas as personagens principais no salão e anuncia os resultados da sua investigação. Na nossa história de detectives, claro que não estamos a investigar um crime, mas um acto de criação, e o mistério é muito mais complexo. Tal como foi sugerido no capítulo anterior, a solução deste mistério pode não se limitar a uma simples conclusão e pode necessitar do trabalho de muitos detectives — não apenas do de um intrépido investigador — para ficar resolvido. Será que, mesmo nessa altura, irá poder ser resolvido por completo?

Haverá coisas no cosmos que simplesmente não se pode conhecer? Será que alguma vez iremos poder saber *porque* é que o universo começou a existir quando o fez? O *motivo* é, muitas vezes, o mais difícil de perceber. Apesar de tudo o que podemos ou não deduzir no final sobre o *porquê* do universo, chegámos a uma minúscula fracção de segundo da compreensão do *como*, e isso pode ser suficiente para nos permitir declarar o caso como encerrado por agora — ou, pelo menos, não completamente por resolver. Mais importante, contudo, é o facto de aquilo que inferirmos da nossa investigação nos ir fazer ver o mundo e a nós próprios de uma forma radicalmente diferente.

Que mensagem para nós se encontra dispersa pelo universo? Que palavras são gatafunhadas pelas estrelas nos quadros de ardósia da noite escura? Verificamos que a primeira

mensagem da biografia do universo é a sua unicidade, porque aparentemente *todos provimos de uma única fonte*. Podemos seguir os vestígios das raízes na nossa árvore genealógica até ao início do universo, há 13,7 mil milhões de anos. Nessa altura, claro, não havia sinais de vida, mas o potencial da vida estava no esquema do universo, tal como o esquema de uma árvore está contido na sua semente.

Hoje em dia, quer sejamos negros, brancos, castanhos ou amarelos, ou hindus, cristãos, muçulmanos, budistas ou judeus, pertencemos todos à mesma família. Somos todos parentes ligados desde o nosso nascimento ao Sol, às estrelas, aos planetas, às luas e ao próprio universo inteiro. Não existem diferenças fundamentais entre nós. Se nos lembrarmos que partilhamos a mesma origem, todas as linhas divisórias se desvanecerão. Esta mensagem de unicidade foi forjada na bola de fogo do universo. Deveria fornecer-nos grande inspiração para avançarmos e esquecermos todas as nossas diferenças.

Comecei este livro lembrando-me de ter acreditado, há muito, muito tempo, que existia uma história escrita nas estrelas. Uma história na qual, de alguma forma, mesmo um rapaz pobre e isolado como eu desempenhava o papel de um príncipe. Na altura não sabia que Albert Einstein, o maior cientista do século passado, já tinha dito que cada um de nós é o centro do universo. Este facto pode confundir quem esteja habituado a pensar no universo como um grande globo ou como uma bolha a crescer cada vez mais. Uma esfera tem um centro, certo? Bem, o universo é uma espécie de esfera especial cujo centro está em todo o lado. Assim, quer moremos numa cidade fervilhante, como Nova Iorque ou Paris, ou numa pequena aldeia poeirenta em nenhures, podemos dizer honestamente que vivemos no centro do cosmos.

Os capítulos da biografia do cosmos transmitem uma mensagem semelhante de forma inequívoca. É uma mensagem de autorização de posse: *nenhum de nós é insignificante*. Podemos

ser pequenos e ter poderes limitados, mas conseguimos compreender a nossa história nas estrelas e sabemos que o universo não está completo sem nós. Não se trata de uma fábula nem de uma fantasia romântica, mas de um facto significativo. Também sabemos que não somos apenas uma parte inseparável e necessária do universo, mas que o próprio plano do cosmos fez tudo para que acabássemos por aparecer.

Por que razão somos tão essenciais? Aqui deparamo-nos com o facto provavelmente mais estranho e maravilhoso de todos, um facto que abordámos no capítulo anterior. O ilustre físico John Wheeler disse-o da forma mais eloquente: «É irrefutável o facto de o observador ser um participante na génese.» Meditemos um pouco nesta afirmação para podermos perceber o quão espantosa ela é. A génese é o começo do tempo, o nascimento do cosmos. O «observador» é construído pela nossa sensibilidade consciente, a faculdade que empregamos quando olhamos profundamente e para trás no espaço e no tempo. Estão a começar perceber?

Einstein disse que «o facto mais incompreensível sobre a natureza é o de ser compreensível». Estava a referir-se ao facto de o universo, apesar de todos os seus mistérios, se reger por algumas leis distintamente fundamentais. Graças à ciência, a nossa consciência é capaz de observar estas leis a actuar através do cosmos. O prémio Nobel Eugene Wigner juntou-se à discussão argumentando que existem dois milagres: um é o da existência das leis infalíveis da natureza, e o outro é o da capacidade de a mente humana as compreender. Sir Roger Penrose, o premiado matemático inglês, também fica desconcertado com o facto de o universo se ter desenvolvido obedecendo a leis da natureza que a nossa consciência parece destinada a compreender. Será que a nossa consciência está de facto ligada de forma intrínseca aos planos do universo? Assim sendo, é uma volta, ou um círculo, que está constantemente a voltar para todos nós, enfatizando sempre a nossa importância.

Quando olhamos para o céu cheio de estrelas, espero que possamos dizer: transforma-nos com o teu fogo. Converte-nos em seres totalmente conscientes. Deveríamos escutar a música da unicidade por entre as incontáveis estrelas e esperar que a sua canção se una à nossa para finalmente podermos banir a ignorância que gera o preconceito e a guerra no mundo imprevisível dos nossos dias.

Sabemos que existe muito sofrimento no mundo, bem como fealdade e decepções quotidianas. Mas podemos erguer-nos acima de tudo isso se nos reconhecermos como uma parte indispensável de todo este universo e tentarmos compreender o nosso parentesco com as estrelas. Não nos podemos esquecer de que todos somos feitos de poeira estelar. Essa afinidade nunca poderá ser quebrada.

Uma palavra final: se viemos realmente da mesma fonte que fez com que o universo exista, como poderíamos descrevê-la? Do que será feita? De onde terá vindo? A derradeira missão é investigar estas perguntas, algo que imagino vá dar algum trabalho. É um trabalho duro, mas asseguro-vos que assim que alguém aceitar o caso, nunca mais terá vontade de desistir.

O DETECTIVE DO COSMOS : DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DO UNIVERSO / MANI BHAUMIK ; INTROD. EDGAR MITCHELL ; TRAD. PEDRO COTRIM ; REV. CIENT. MÁXIMO FERREIRA

AUTOR(ES): Bhaumik, Mani; Mitchell, Edgar, pref.; Ferreira, Máximo, revisor; Cotrim, Pedro, trad.
EDIÇÃO: 1a ed
PUBLICAÇÃO: Lisboa : Gradiva, 2009
DESCR. FÍSICA: 107 p. [36] p. il. : il. ; 22 cm
COLECÇÃO: [Fora de colecção ; 315]
NOTAS: Tít. orig.: The cosmic detective
ISBN: 978-989-616-320-4